

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense



Instituto Estadual do Patrimônio Cultural
Secretaria de Estado de Cultura - RJ



Parceria: **CIDADE VIVA**
INSTITUTO

denominação
Fazenda Santo Antônio da Serra

código
AVI – FO7 – TM

localização
RJ-146, em direção ao centro de Trajano de Moraes, próximo à sede do 2º distrito denominado Doutor Elias

município
Trajano de Moraes

época de construção
meados do século XIX

estado de conservação
detalhamento no corpo da ficha

uso atual / original
fazenda de gado/ fazenda de café

proteção existente / proposta
nenhuma

proprietário
particular



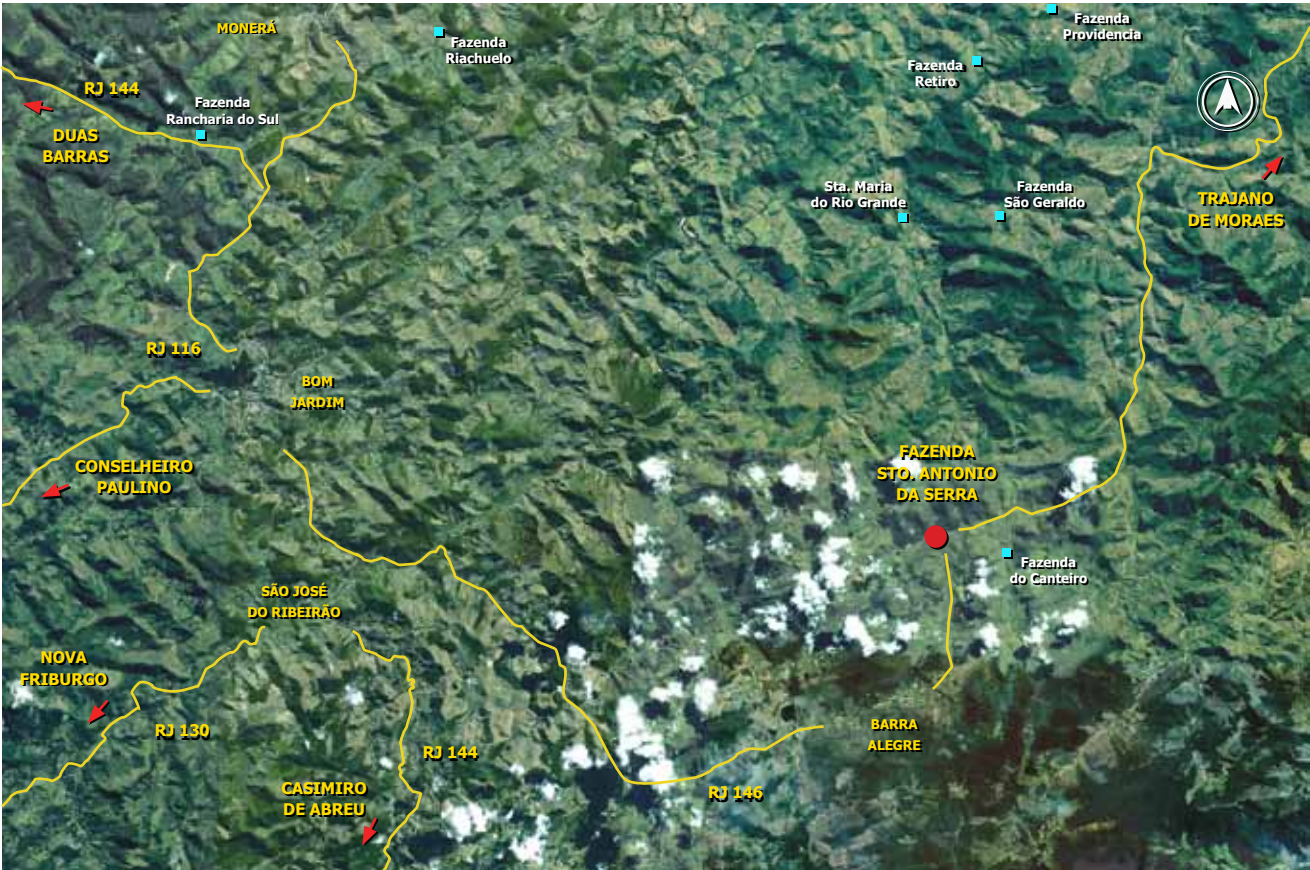
fonte: IBGE - Cordeiro



Casa-sede da da Fazenda da Serra

coordenador / data **Valentim Tavares – jul 10**
equipe **Valentim Tavares, Maísa Péres e Margareth Dias**
histórico **Roberto Grey**

revisão / data
Thalita Fonseca – set 2010



situação



ambiência

A Fazenda da Serra, como é mais conhecida a Fazenda Santo Antônio da Serra, localiza-se no distrito de Doutor Elias, município de Trajano de Moraes. Seu acesso é feito no km 28 da rodovia RJ-146 (Estrada Bom Jardim-Barra Alegre), cerca de 1,5 km depois da entrada de Doutor Elias, rumo a Trajano de Moraes.

O percurso de 200 m até a sede é feito em estrada de chão, a mesma que conduz a Doutor Elias, em paralelo à já citada rodovia: desta é possível avistar a propriedade, que fica implantada numa baixada plana, em cota inferior de aproximadamente 15 metros (f01). A entrada da sede é cortada pelo córrego Maitá – cujos tributários são o Córrego da Grota Fria e o da Boa Sorte, os quais tangenciam a propriedade –, ponto onde antigamente se localizava o moinho.

Na entrada da fazenda, em direção ao casarão, segue uma via pavimentada com paralelepípedos, que formam um pátio calçado em frente à construção (f02). Essa chegada à sede é bastante árida, com quase nenhuma arborização, existindo apenas alguma vegetação arbustiva e pastagens (f03). Em contraposição, a encosta junto à rodovia apresenta vegetação densa, com diversas espécies de árvores frutíferas.



01



02



03

O edifício sede é orientado para o norte e sua arquitetura destaca-se na paisagem por suas dimensões, robustez e sobriedade plástica. Ao lado do casarão, existem uma casa de colono e uma cobertura – galpão – sob a qual funciona uma oficina de máquinas e garagem (f04). Em frente à cobertura está o antigo terreiro de café, cujo muro parcialmente destruído circunscreve uma área onde posteriormente foi instalado o curral (f05 e f06).

À esquerda do casarão, margeando o talude, uma escada (f07) leva a um pátio elevado, utilizado parcialmente como área de serviço (f08), fornecendo também acesso ao pavimento superior da sede. Ali também se localiza uma edificação de menor porte, espaço destinado à criação de aves e um pequeno equipamento para desidratar tomates (f09 e f10).

Aos fundos, adjacente ao muro de arrimo desse platô, observam-se as ruínas do que deve ter sido uma grande construção, com espessas paredes de pedra e duas grandes portas voltadas para oeste: o térreo possivelmente foi utilizado para a guarda de animais ou carroças, e o pavimento superior ocupado por uma cozinha (f11, f12, f13 e f14). Ao longo do tempo, o uso desse espaço foi sendo alterado: há quatro gerações atrás, era utilizado como local para abrigar tropa de burros e, uma geração depois, servia ocasionalmente como oficina para a confecção de caixões, conforme poderá ser visto adiante, no histórico da propriedade.

Atrás desse conjunto de construções, existe, ainda, um lago para piscicultura, rumo ao qual são encaminhados os dejetos da criação de suínos (f15).



04



05



06



07



08



09



10



11



12



13



14



15

De volta à estrada de chão, e seguindo adiante rumo a Doutor Elias, em uma curva da estrada, vê-se o que restou do antigo engenho (f16 e f17) e o conjunto da sede com o curral ao longe (f18). Ao longo dessa mesma estrada, existem algumas casas de colono (f19).



16



17



18



19

O casarão da Fazenda Santo Antônio da Serra possui uma tipologia de construção onde não são observados elementos artísticos ou decorativos na composição de suas fachadas ou mesmo no tratamento do seu interior. Tal tipologia é comumente encontrada em diferentes regiões do Vale, e identificadas com fazendas de café essencialmente de trabalho, contrapondo-se àquelas cujas arquiteturas intencionalmente expressavam a riqueza e a posição social dos seus senhores. Sua planta retangular compacta apresenta um porão utilizável ocupado com diversos depósitos, além de pavimento superior onde se desenvolve a parte residencial.

O embasamento de pedra da sede é revestido com argamassa, assim como as colunas angulares que se sobressaem em alto-relevo. As esquadrias são simples: janelas de duas folhas de abrir, enrelhadas, pintadas em verde-colonial (f20), com exceção da janela correspondente ao cômodo do porão onde funcionou a senzala que, além da folha cega de abrir, possui gradil em peças de madeira, característico de ambientes de importância secundária e/ou de serviço (f21, f22, f23).

O telhado de quatro águas exibe telhas capa e canal, além de beiral revestido com guarda-pó, sem o uso de calhas e que, por já apresentar danos em muitos pontos, deixa à mostra o final dos caibros de sustentação da cobertura (f24).



20



21



22



23



24

As peças estruturais do edifício são de madeira e recobertas pela mesma fina camada de reboco que reveste as paredes de pau a pique pintadas de branco das fachadas. A frontal é dividida em quatro módulos iguais com quatro vãos em cada um deles, e, apesar dessa divisão igual, esse arranjo torna a fachada assimétrica, pois deixa a porta principal e a escada de acesso descentralizadas (f25).

Protegendo a porta principal, existe um alpendre elevado, coberto com telhas francesas e executado em reforma que descaracterizou sobremaneira a fachada. Os degraus são de pedra lavrada e apresenta gradil em ferro pintado na cor verde. Essa escada, bastante incomum, desce para o lado direito do edifício, obstruindo a vista de uma das janelas do pavimento inferior (f26 e f27). Ao redor do casarão, existe uma calçada pavimentada com pedras tipo “pé-de-moleque” (f28).

Internamente, os barrotes ficam aparentes no teto do porão, sustentando o assoalho do pavimento superior. O piso ainda tem os barrotes, porém o assoalho foi arrancado em alguns cômodos (f29 e f30).

No pavimento superior, as paredes são pintadas internamente na cor branca e as esquadrias em verde-colonial. As alcovas têm janelas altas e portas com bandeiras envidraçadas, diferentemente dos demais ambientes (f31, f32 e f33). O assoalho de madeira, pregado sobre os barrotes, ainda é original.



25



26



27



28



29



30



31



32



33

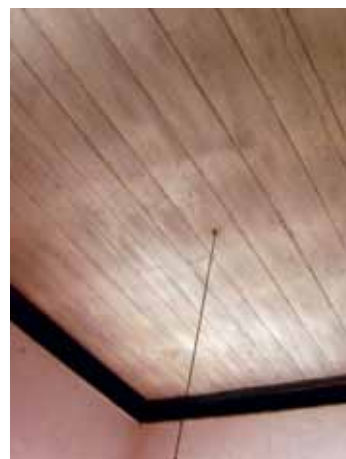
O forro é bem diverso em toda a casa (f34, f35, f36, f37), sugerindo que ocorreram reformas em diferentes épocas e algumas delas com modificações da planta. No quarto à direita da saleta de visitas, o forro é inclinado nos quatro cantos formando um tronco de pirâmide (f38 e f39), e nos dois banheiros que foram adicionados adjacentes à cozinha – e executados com revestimento cerâmico no piso e nas paredes –, o forro é de madeira tipo “pacote” (f40).



34



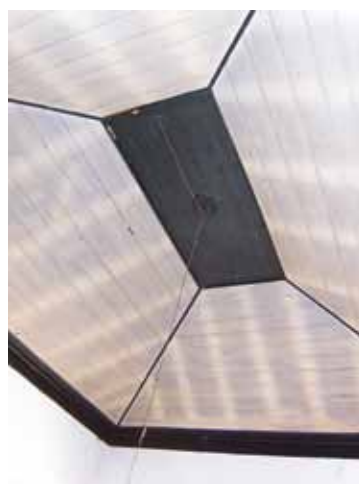
35



36



37



38



39



40

Apesar da má conservação, dos acréscimos e dos reparos paliativos e mal executados que seguem descaracterizando o edifício, a sede ainda preserva as linhas originais de seu desenho.

Dentre as patologias encontradas, a ação da umidade sobre a construção é visível. Por toda a casa é possível encontrar o reboco das paredes se desprendendo, evidenciando a estrutura de pau-a-pique e os esteios de madeira (f41, f42 e f43). Bastante vulnerável à água, a argamassa interna desagrega-se rapidamente, pondo em risco a estabilidade da construção e propiciando o ataque de agentes xilófagos (f44). Além dos barrotes e esteios da estrutura, estes vêm atacando sistematicamente as esquadrias e o madeiramento do telhado (f45 e f46).



41



42



43



44



45



46

Os barrotes do assoalho vêm cedendo, causando aumento das juntas e desnivelando o assoalho, que precisou ser escorado recentemente para evitar o colapso do pavimento (f47). Apesar de ainda ser o original, o assoalho sofreu vários reparos, apresentando muitas emendas (f48).

Internamente, as paredes e o forro também vêm sofrendo danos pelas infiltrações do telhado e a falta de estanqueidade das esquadrias (f49 a f51).

No que concerne ao telhado, este aparenta ter sofrido uma reforma que, na parte posterior do casarão, parece ter ficado inacabada. Ali as pontas dos cachorros, além de expostas, não foram serradas em ângulo para receber o beiral. Nas outras fachadas, faltam algumas réguas do mesmo (f52 e f53).



47



48



49



50



51

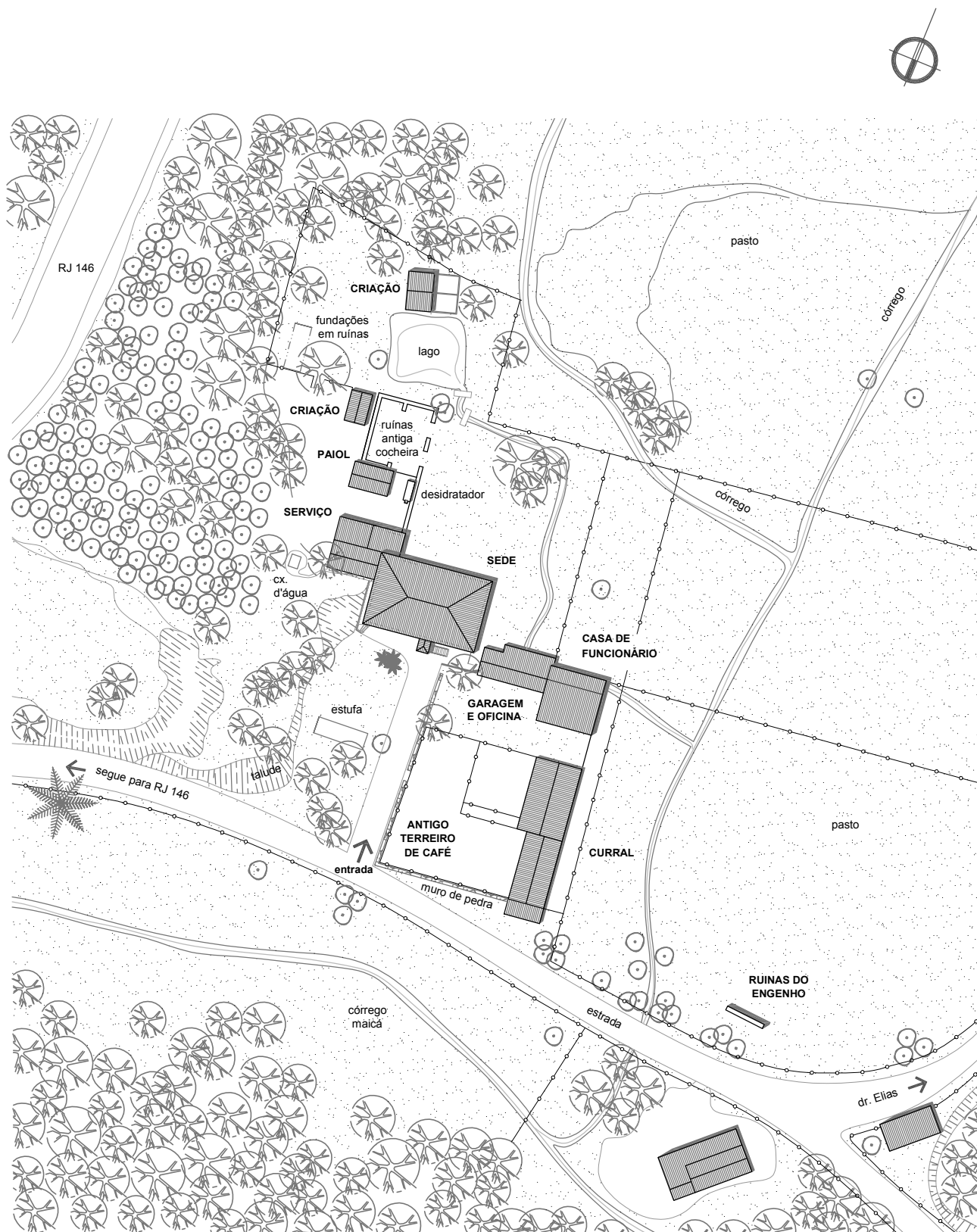


52



53

FAZENDA SANTO ANTÔNIO DA SERRA



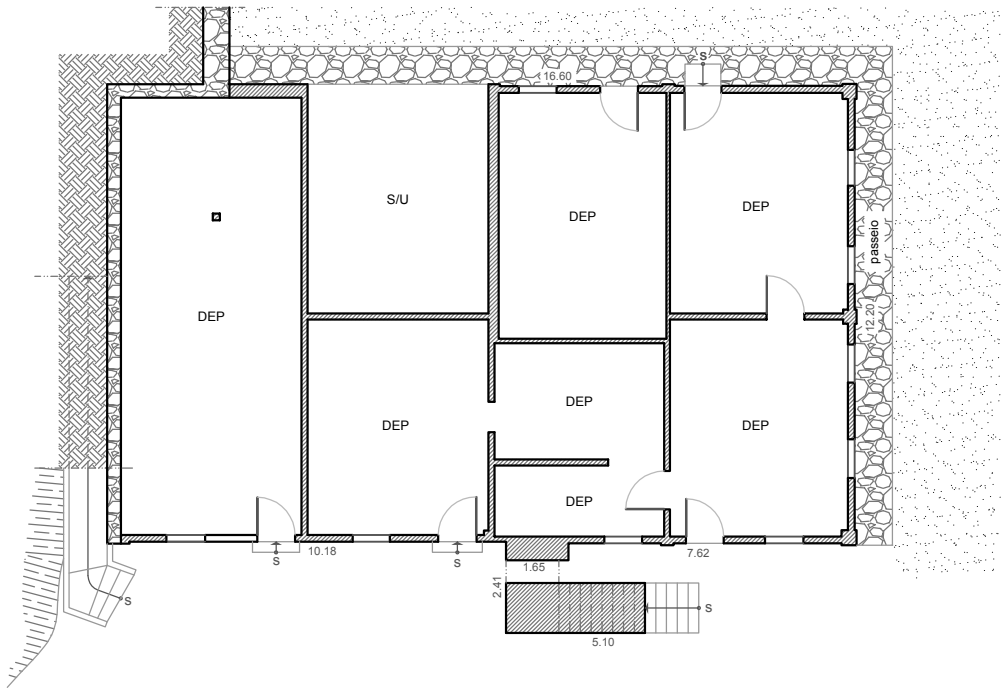
1 Implantação
escala: 1/1000



FAZENDA SANTO ANTÔNIO DA SERRA

Observações:

1. O depósito de maiores dimensões abrigava a antiga senzala.



1 Planta Baixa da Sede - Porão

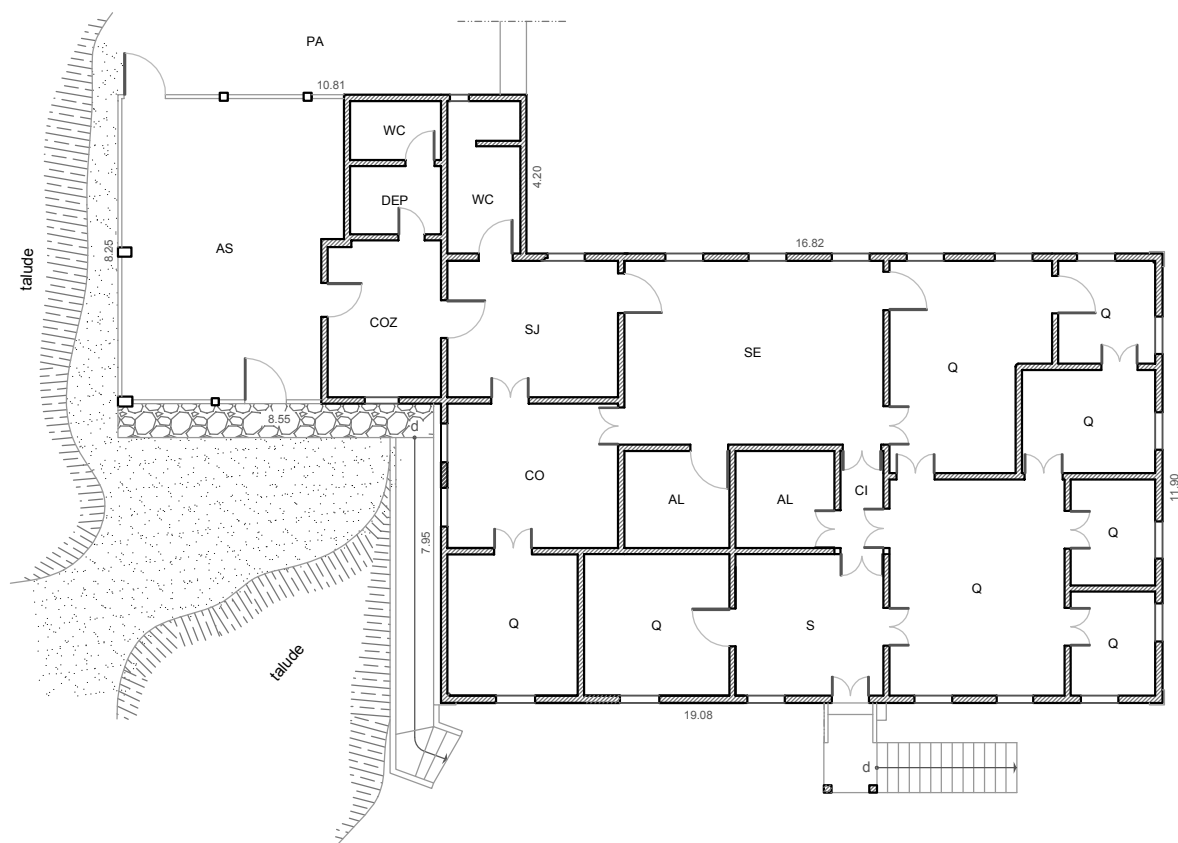
escala: 1/200



DEP - depósito
S/U - sem utilização

alvenaria existente
alvenaria demolida

FAZENDA SANTO ANTÔNIO DA SERRA



1 Planta Baixa da Sede - 1º Pavto.
escala: 1/200



AL - alcova
AS - área de serviço

CI - circulação
CO - copa

COZ - cozinha
DEP - depósito

PA - pátio
Q - quarto

S - sala
SE - sala de estar

SJ - sala de jantar
WC - banheiro

alvenaria existente
alvenaria demolida

Inventário das Fazendas do Vale do Paraíba Fluminense

AVI - F07 - TM

3/3

equipe:
Valentim Tavares / Margareth Dias / Maísa Péres

desenhista:
Maísa Péres

revisão:
Francyla Bousquet

data:
ago 2010

O primeiro proprietário da Fazenda Santo Antônio da Serra foi o major José Vieira de Carvalho, promotor, oficial da Guarda Nacional, já em 1848, com a patente de capitão, e cafeicultor em 1854. O major era filho do capitão Francisco Antônio de Carvalho e Cunha, português de Telões, vereador e fundador de Porto Velho do Cunha, localizado no Rio Paraíba.

A fazenda hoje está situada em Doutor Elias, segundo distrito do município de Trajano de Moraes, mas, na época de sua construção, a propriedade localizava-se no curato de São Francisco de Paula, pertencente a Cantagalo. O município de São Francisco de Paula, cujas terras pertenciam a Cantagalo, em meados do século XIX, e depois a Santa Maria Madalena, teve seu nome mudado para Trajano de Moraes, em 1938, em homenagem e reconhecimento ao filho do visconde de Imbé – José Antônio de Moraes, nascido no Vale do Imbé e dono da Fazenda Aurora – que muito fez pela região.

Em 1861, a fazenda pertencia ao filho do major Vieira de Carvalho, Francisco de Carvalho Milagres. Francisco casou-se com Cecília Nunes Amaral Pereira, mas antes teve dois filhos, reconhecidos oficialmente, com Úrsula Maria de Jesus Castro, em Linhares, Espírito Santo, que foram criados com o pai e a madrastra na Fazenda da Serra¹.

A história da propriedade não foge à regra das demais fazendas de Cantagalo, tendo início com o desmatamento e a queimada da vegetação para o plantio do café, o “ouro verde” como era então conhecido, tamanha era sua lucratividade, entrando posteriormente em um período de declínio econômico, decorrente, dentre outros fatores, da abolição da escravidão e do avanço concomitante da pecuária leiteira e de corte.

Nas primeiras décadas do século XX, os registros pesquisáveis apontam a Fazenda Santo Antônio da Serra com 155 alqueires fluminenses e pertencendo a Anália de Piedade Pires e Antônio Pires. A propriedade chegou às mãos de Anália por transmissão dentro da família Carvalho.

O capitão, e depois coronel, Vicente Pires, uniu-se a uma escrava com quem teve uma filha, Anália da Piedade Pires. Com a morte da mãe acometida pela meningite, seu pai casa-se novamente e muda-se com a família para a Fazenda da Serra¹.

Após a morte do coronel Vicente, a herdeira sofreu vários reveses e tentativas de expropriação, até sofrer uma tentativa de assassinato por envenenamento. Salva por um dos empregados da fazenda, este a levou para Cordeiro, onde se manteve escondida. Quando do seu retorno, Anália encontrou a propriedade devastada, tendo sido levados a mobília, a roda e as máquinas do engenho, bem como animais e utensílios.

Nesta época, o moinho de farinha ficava distante da sede, do outro lado da rua, próximo a uma cachoeira dentro da mata, e o engenho, próximo à estrada, onde hoje se veem apenas ruínas.

Atrás da sede, num bloco independente com dois pavimentos, abrigava-se no térreo a tropa de burros, e a esta época, havia aproximadamente 12 meiros trabalhando na propriedade. Depois da morte do coronel, eventualmente se confeccionavam caixões no local.

Hoje, a Fazenda continua como propriedade da família, sendo explorada por José Vinícius Pires Franco e sua esposa, Eunice de Souza Campos, que ali moram há 13 anos.

Bibliografia:

RAMOS, Lécio Augusto. A História de São Sebastião do Alto 1786-1991, A Mesopotâmia Fluminense. editado pela Prefeitura de São Sebastião do Alto, 1992.

FERREIRA, Marieta de Moraes. História de Família: Casamentos, Alianças e Fortunas. Léo Christiano Editorial, 2008.

Genealogia Fluminense, Cantagalo, no Google.

Livros de Registro Paroquial de Terras de 1855-56 do Município de Cantagallo, no Arquivo Estadual (internet).

Entrevista com Sr. Bento Luís Lisboa.

¹Essas informações foram obtidas através de relatos orais de Ieda Pires Franco, neta do coronel Vicente e mãe do atual proprietário, Vinícius Pires Franco.